

RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

ENTRE DIALETOS E ADAPTAÇÕES: DESVENDANDO A PLASTICIDADE DIALETAL

Emerson Santos De Souza (souza.emersonsantos@hotmail.com)

Você já se questionou por que migrantes adotam características linguísticas da comunidade anfitriã? Na Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Labov, 1972), dois modelos teóricos têm sido empregados para explicar esse fenômeno: a Acomodação Linguística a Longo Prazo (Trudgill, 1986) e a Aquisição de Segundo Dialeto (Siegel, 2010). O primeiro, fundamentado na Teoria da Acomodação e Comunicação (Giles et al., 1973), sugere que as mudanças linguísticas em migrantes ocorrem devido a sucessivas acomodações de curto prazo. O segundo modelo, por sua vez, refuta o primeiro, argumentando que os efeitos do contato dialetal nem sempre se correlacionam com as atitudes dos migrantes em relação à comunidade anfitriã e, portanto, não têm a ver com a acomodação linguística, mas com a aquisição de um segundo dialeto. Entretanto, ao considerarmos que as variedades regionais do português brasileiro também se diferenciam pela frequência de uso das variantes de uma mesma variável sociolinguística, percebemos que o conceito de aquisição de segundo dialeto também não dá conta de explicar plenamente os efeitos do contato dialetal. Isso porque, ao interagir com

diferentes variedades, o falante pode não apenas adquirir novas variantes, mas também pode ajustar a frequência de uso daquelas que já fazem parte de sua gramática ou até ampliar certos contextos de uso. Diante dessas limitações, este trabalho propõe, com base em Souza (2023), a noção de plasticidade dialetal, entendida como a capacidade dos falantes de se adaptarem linguisticamente a um dialeto-alvo por meio de distintos processos, como aquisição, contenção, ampliação semântica e de contexto, influenciados por fatores linguísticos, sociais, entre outros. Essa proposta teórica se fundamenta em (i) uma análise de seis variáveis sociolinguísticas: quatro de nível lexical (tangerina/mexerica, quentinha/marmita, aipim/mandioca, trabalho/serviço), uma de nível fonético-fonológico (realização do /r/ em posição de coda, como em 'porta' e 'amor') e uma de nível morfossintático (negação sentencial, como em "Não vou" (Neg1); "Não vou não" (Neg2); "Vou não" (Neg3)); e (ii) na comparação com os padrões identificados em estudos sobre a fala de migrantes alagoanos, paraibanos (Oushiro, 2020) e sergipanos (Santana, 2023) na cidade de São Paulo, e de baianos no interior paulista (Oliveira, 2020; Ferraz, 2024). A amostra analisada é composta por 50 baianos residentes na Região Metropolitana de São Paulo (Souza, 2023), recrutados por meio do método de rede social (Milroy, 1980). As análises buscaram testar a correlação entre as variáveis sociolinguísticas e diferentes preditores linguísticos, contextual (Estilo) e sociais, como Gênero, Nível de escolaridade, Idade, Idade de migração, Tempo de residência, Rede de contato e Grau de autoidentificação paulista. Os testes estatísticos, realizados em linguagem R (R Core Team, 2023), incluíram análises univariadas e multivariadas de regressão logística de efeitos mistos, com a inclusão do participante, do item lexical e da sentença como variáveis aleatórias. A Plasticidade Dialeto, portanto, é uma teoria alternativa que explica como migrantes adaptam seu dialeto à comunidade anfitriã, oferecendo bases teóricas e analíticas para entender os efeitos de diferentes tipos de contato dialetal, como migração interna, mobilidade social, ensino-aprendizagem da variedade padrão e contato entre variedades transnacionais.

Palavras-chave: contato dialetal; plasticidade dialetal; fala de migrantes.